

**O GATO
QUE SOBREVIVEU**

GWEN COOPER

O GATO
QUE SOBREVIVEU

Tradução de
Raquel Espada

alma
dos
livros

Para Laurence, sempre

(...) é de Zeus que vêm todos os estrangeiros e mendigos;
e qualquer dádiva, embora pequena, é bem-vinda.

Homero, *Odisseia*¹

¹ Nota do tradutor: todas as citações de *Odisseia*, de Homero, presentes nesta obra são retiradas da edição traduzida por Frederico Lourenço (2018), da Quetzal Editores.

Prefácio

PATRICIA KHULY,
médica veterinária

A primeira vez que vi o gatinho, era apenas uma bola minúscula de pelo negro nas palmas das mãos de uma jovem. Não parecia ser diferente de qualquer outro gato, pelo menos até levantar a cabeça e soltar um miado impressionante para uma criatura com o tamanho diminuto de cerca de dez centímetros.

Apesar de ser pequenino, virou-se na direção da minha voz. E foi aí que reparei nos seus olhos. Com apenas duas semanas de idade, este pequeno órfão tinha claramente uma infecção grave que iria tirar-lhe a visão ou talvez até a vida.

O casal com boas intenções que o encontrou praticamente suplicou para que eu o abatesse de imediato. Apesar das suas súplicas, examinei cuidadosamente o gatinho enquanto este estrebuchava, agitava as patinhas e miava vigorosamente na mesa de exame de aço inoxidável. Por fim, disse-lhes que parecia estar perfeitamente saudável, com a exceção do seu problema ocular. Considerariam adotá-lo, se conseguisse tratar a sua infecção?

A lista de razões que o casal apresentou para não adotar o gatinho era longa. Trabalhavam o dia todo. Tinham um cão. Não tinham dinheiro. E havia sequer a possibilidade de recuperar a visão?

Ah... nenhuma. Não havia qualquer hipótese. Expliquei que pretendia remover os seus olhos para lhe salvar a vida.

Tenho a certeza de que foi aí que os perdi de vez. Abanaram as cabeças, incrédulos. Optaram por colocá-lo sob os meus cuidados.

Os miados miseráveis do gatinho provavelmente ajudaram na decisão, pois estavam convencidos de que sofria imenso.

Após terem concordado em deixá-lo comigo, estava nas minhas mãos tratá-lo o melhor que pudesse. Ainda tinha as minhas dúvidas, mas foram colocadas de parte assim que percebi a razão do desconforto do gato: tinha fome. Uma tacinha de comida de gato misturada com substituto de leite acalmou as suas lamentações. Após alguns minutos, estava a dormir descansado, o que selou a minha decisão de tratar os seus olhos e da cegueira subsequente.

Afinal de contas, pensei, este gatinho nunca tirou proveito da sua visão. Ao contrário dos bebés humanos, os gatos nascem com os olhos fechados e assim permanecem entre 10 a 13 dias. A infeção grave e relativamente prolongada deste gatinho com duas semanas tinha certamente impedido o desenvolvimento da sua visão. Assim que fosse tratado, seria cego sem nunca ter perdido a capacidade sensorial da visão. Tal como muitos outros animais, os gatinhos são capazes de redirecionar as suas funções neurológicas para a sobrevivência mediante um processo chamado adaptação ambiental individual, o meu termo elaborado para «recuso-me a abatê-lo». Como poderia renunciar o meu dever de evitar sofrimento, se podia salvar uma vida que valia a pena?

Perguntem a quaisquer veterinários jovens e idealistas e tenho quase a certeza de que iriam confessar o mesmo tipo de pecado que cometi no dia que este gatinho cego me chegou às mãos. Se o animal está doente, mas é curável, e até minimamente adotável, então *está destinado a ser*, pensamos nós. São estes animais que tocam os nossos corações com as suas capacidades impressionantes de sobrevivência e o seu potencial irresistível de patinho feio.

Sabia que não havia maneira de ter um gatinho cego em minha casa com uma criança pequena, alergias e cães grandes. No entanto, também sabia que não podia deixar morrer um gatinho vigoroso por causa de um pequeno problema como a falta de abrigo. *Alguém no meu círculo de amigos e família irá certamente achá-lo tão apelativo quanto eu*, foi essa a minha lógica. O gatinho iria ter uma casa assim que eu conseguisse encontrar alguém com a mistura necessária de excentricidade e empatia para recolher um animal «com necessidades especiais».

O que se seguiu foram semanas de rejeição após rejeição. Recrutei a minha família, que ama animais, para passarem a palavra acerca do

gatinho cego que precisava de uma casa segura e permanente. Coloquei anúncios e contactei amigos veterinários que tinham uma atração por animais que metiam pena. Não obtive quaisquer resultados.

Nesta altura, já tinha colocado de lado todas as minhas racionalizações e autoflagelação. O gatinho tinha arrebitado após a cirurgia, tanto que a minha equipa e eu estávamos irremediavelmente apaixonados. Houve dias que não conseguia sequer pensar em separar-me dele.

Como é que podia não me apaixonar pelo seu corpinho escuro e desgrenhado, pelas suas pequeninas órbitas encovadas, pelo seu apetite interminável, pelas festinhas, pelos miminhos e sessões de brincadeira? Sim, até brincava como um gatinho normal, apesar de não ter olhos. Resumindo, era adorável... em todos os aspetos menos um, o que preocupava a maioria dos próprios humanos: a sua aparência.

Finalmente, uma jovem com dois gatos que eram meus pacientes prometeu vir conhecer o gatinho. Quando passei a bola de pelo negro para as mãos da possível dona, senti uma pontada de ansiedade. Será que iria olhar para ele com repugnância, como outros tinham feito? Será que iria hesitar por não ter a possibilidade de adotar uma criatura tão estranha e deficiente?

Em vez disso, sussurrou-lhe suavemente. Pegou nele e segurou-o. O gatinho começou a ronronar. Para minha surpresa e grande alívio, fiquei-lhe grata para sempre quando disse «vou levá-lo para casa».

O Homero foi o primeiro caso «sem esperança» da minha carreira, até então curta. Apesar de já ter tido muitos mais desde então, o seu caso foi decisivo e abriu caminho para muitos outros.

A «odisseia» do Homero irá certamente significar coisas diferentes para todos os que a lerem. Mas, para mim, o Homero será sempre uma recordação muito pessoal do que a medicina veterinária pode fazer quando se alia ao idealismo da juventude. O Homero vai sempre lembrar-me de que não há nada que uma parceria entre um veterinário, um dono carinhoso e um paciente com garra não consiga fazer.

A história do Homero é uma inspiração para todos nós.

Patricia Khuly, médica veterinária, MBA
Dolittler.com
Miami, Flórida

Prólogo

O GATO QUE SOBREVIVEU

Fala-me, Musa,
do homem versátil que tanto vagueou (...)

Homero, *Odisseia*

A rotina quando chego a casa ao final do dia é sempre a mesma. O *pim!* do elevador é a primeira pista que avisa as orelhas mais sensíveis da minha chegada iminente e, assim que introduzo as chaves na fechadura, oiço patas suaves do outro lado da porta. Descobri que tenho tendência para abrir todas as portas, até as de casas alheias, com cuidado suficiente para prevenir a fuga de quaisquer patifes peludos. Mas essas patas, em vez de procurarem o chão, demoram apenas alguns segundos a passar da porta para as minhas pernas e um gatinho negro faz o seu melhor para trepar por mim acima como se eu fosse um tronco de uma árvore.

Para evitar estragos tanto à minha roupa quanto à minha pele (as suas garras são pequenas, mas eficazes), agacho-me e digo «olá, ursinho Homero!» (Uma alcunha que recebeu quando era bebé devido ao seu pelo negro brilhante semelhante à pelagem de um urso-pardo.) O Homero interpreta isto como um sinal para saltar para os meus joelhos, colocar as suas patas dianteiras nos meus ombros, roçar o seu focinho no meu nariz e ronronar muito alto, acompanhando tudo com uma série de miados curtos que se assemelham aos ganidos de um cachorrinho. «Olá, rapaz», digo, enquanto o coço detrás das orelhas.

Homero começa a ter espasmos de felicidade e já não é suficiente ter o seu focinho encostado ao meu nariz: coloca-o na minha testa e esfrega-o na minha bochecha uma e outra vez.

Estar agachada de saltos altos é ainda mais doloroso do que parece (posso ter apenas um metro e meio, mas recuso-me viver como uma pessoa baixa), por isso pego no Homero e coloco-o no chão. Levanto-me e finalmente entro no apartamento onde vivo com o Laurence, o meu marido. Guardo logo as chaves, o casaco e as malas. Quando se vive com três gatos, depressa se aprende que a melhor maneira de prevenir a acumulação de pelos nas roupas que se usa em público é mudar para roupas confortáveis o mais rapidamente possível mal se chega a casa. Portanto, dirijo-me ao quarto para mudar de roupa.

Uma sombra felpuda segue-me pelo apartamento e saltita por toda a mobília que encontra pelo caminho. O Homero salta facilmente do chão para a cadeira, da cadeira para a mesa da sala de jantar e de volta para o chão, como se fosse o Q*bert a alta velocidade. Enquanto me dirijo da sala de jantar/estar para o corredor, o Homero pula para uma mesa de apoio, depois lança-se ao desbarato na diagonal para a terceira prateleira da estante do outro lado do corredor e aí fica empoleirado até eu passar por ele. Depois vai para o chão novamente, a correr à minha frente e, às vezes, com este entusiasmo todo, colide com um dos meus outros dois gatos até alcançar a porta do quarto. O Homero para sempre exatamente no mesmo local, hesita durante um infinitésimo de segundo e depois vira à esquerda quando entra no quarto, como se estivesse a desenhar um *L* maiúsculo. Salta para a cama, onde sabe que me vou sentar a tirar os sapatos, sobe para o meu colo para mais uma sessão de ronronar e roçar no meu rosto.

Esta rotina é a mesma todos os dias. O que muda é a investigação profunda que faço ao meu apartamento depois de mudar de roupa. O Homero é uma criatura com muitos passatempos e é difícil saber a que novos projetos se vai dedicar de uma semana para a outra.

Durante algum tempo, o seu objetivo parecia ser bater o recorde mundial de número de artigos atirados ao chão do topo da mesa de centro num único dia. Laurence e eu somos ambos escritores, por isso temos a parafernália normal de escrita na mesa, tais como canetas, blocos de notas, folhas de rascunho com notas que tirámos misturadas com revistas, caixas de lenços, bilhetes, óculos de sol, caixas de fósforos,

pastilhas de menta, comandos e ementas de *take away*. Um dia, chegámos a casa e vimos que a nossa mesa de centro estava completamente vazia: os livros, as canetas e até os comandos estavam espalhados pelo chão, como se se tratasse de um quadro de Jackson Pollock. Colocámos os objetos no sítio deles (com alguma vergonha, pois precisavam de ser arrumados), mas isto continuou a acontecer durante umas semanas. Não tínhamos a certeza de qual dos nossos gatos andava em arrumações, até ao dia que cheguei a casa e apanhei o Homero em flagrante, todo orgulhoso do que tinha feito e sem qualquer arrependimento.

«Talvez não esteja contente com a desarrumação», sugeri ao Laurence. «Provavelmente, faz-lhe confusão ter as coisas em lugares diferentes quando salta para cima da mesa.»

O Laurence não é tão propenso a analisar as motivações escondidas dos nossos animais de estimação como eu. «Acho que o gato simplesmente gosta de atirar coisas ao chão», respondeu.

Também aprendemos a atar as portas deslizantes dos nossos armários. Aparentemente, é mais fácil do que parece para um pequeno gato fazer peso com o seu corpo, trepar um par de calças de ganga (é um material forte, portanto, bom para trepar), lançar-se para uma prateleira alta com caixas de fotografias antigas, presentes de aniversário (que fazem um som maravilhoso de papel amarrotado quando são abertas com as garras) e pilhas confortáveis de roupa fofa. Os baldes do lixo, independentemente da sua altura, são ótimos para subir e derrubar. Com alguma persistência, os arranhadores de corda enrolada podem ser completamente desfeitos. As estantes podem ser escaladas e os livros de capa dura nas prateleiras mais altas podem ser lançados ao chão. O mesmo pode ser dito acerca dos discos, CD e DVD empilhados no centro de entretenimento. Com muita imaginação, existem inúmeros atos travessos e de destruição menor que um gato pequeno pode fazer durante um dia normal de trabalho. Se há alguma coisa útil que o Homero me ensinou sobre a vida é que, realmente, é importante encontrar projetos que valham a pena para ocupar o nosso tempo.

O projeto mais recente do Homero é ter aprendido a usar a sanita. Não vos sei dizer porque é que o Homero, com 12 anos, decidiu acrescentar este feito à sua lista de truques. Já tinha ouvido falar em gatos que foram treinados pelos seus donos a usar a sanita em vez

de uma caixa de areia, mas nunca tinha ouvido falar de um gato que tivesse decidido usar a sanita sozinho.

A primeira vez que descobri esta proeza do Homero foi por acidente. Acordei cedo de manhã e cambaleei até à casa de banho. Acendi a luz e vi que... já estava ocupada. O Homero estava a equilibrar-se à beira da sanita.

«Ah, peço desculpa», disse de imediato, ainda meio a dormir. Só depois de sair e atenciosamente fechar a porta é que pensei, *espera lá...*

«O nosso gato é um génio!» disse a Laurence mais tarde.

«Quando aprender a puxar o autoclismo, aí sim, é um génio», respondeu-me.

É verdade: a arte de puxar o autoclismo ainda não é algo que o Homero saiba fazer. Por isso, verificar as sanitas é outro ponto que acrescentei à lista mental de coisas que tenho de fazer quando chego a casa ao final do dia, após ver se não há molduras viradas, armários abertos e bugigangas derrubadas.

Nunca sei o que me espera quando entro em casa. Também sei que ver o Homero pela primeira vez pode ser, por si só, um pouco chocante, por isso, tento sempre preparar os convidados antes de chegarem. Isto é algo que tem sido menos frequente com o passar dos anos, principalmente desde que conheci o Laurence e parei de namorar. Além disso, estou numa idade em que faço menos amizades.

Ainda assim, lembro-me de uma ocasião em que me esqueci de avisar o meu novo namorado acerca do Homero antes da primeira visita. Não esperava que o meu encontro acabasse com um convite para irmos para o meu apartamento. Quando tomei essa decisão, pareceu-me que falar sobre os meus gatos seria o tipo de coisa que iria arruinar qualquer ambiente romântico.

Naquela altura, o Homero adorava brincar com tampões. A primeira vez que se deparou com um tampão por acaso, ficou fascinado com a maneira como rolavam pelo chão e com o fio. Ele gostava tanto de tampões que descobriu onde estavam guardados, no armário debaixo do lavatório da casa de banho. Com uma paciência e precisão infalíveis, o Homero tornou-se mestre a forçar a porta do armário e a assaltar a caixa de tampões.

Quando entrei em casa com o meu novo namorado, o Homero correu para a porta para me cumprimentar. E vinha com um tampão

pendurado na boca. O branco do tampão destacava-se no seu pelo negro. Correu triunfante durante um momento, dirigiu-se a mim e sentou-se à minha frente, com o tampão preso entre as suas mandíbulas como um cão com um osso.

O meu namorado ficou surpreendido, no mínimo. «Mas que... aquilo é um...» Gaguejou durante um bocado até finalmente perguntar, «aconteceu alguma coisa ao teu gato?»

Agachei-me e o Homero saltou feliz para o meu colo e deixou o tampão roubado aos meus pés. «Não lhe aconteceu nada», respondi, «só não tem olhos.»

O meu namorado pareceu ficar desconcertado com esta informação. «*Não tem olhos?*» perguntou.

«Bom, nasceu com olhos», expliquei. «Mas tiveram de ser removidos quando era gatinho.»

De acordo com as estimativas da Humane Society², existem 90 milhões de gatos em cerca de 38 milhões de agregados familiares nos Estados Unidos da América. Portanto, de certa forma, o Homero é perfeitamente normal. Come, dorme, brinca com bolas de papel e mete-se em inúmeros sarilhos. E, tal como qualquer outro gato, tem opiniões muito vincadas acerca do que gosta e do que não gosta. No mundo do Homero, a felicidade é atum acabadinho de sair da lata, trepar qualquer coisa que aguento o seu peso, saltar com toda a força para cima das duas irmãs (que são *muito* maiores do que ele) e dormir sob aquele raio de luz que aparece na sala de estar antes do pôr do sol. A tristeza é ser o último dos meus gatos a ficar com o lugar privilegiado ao lado da mamã no sofá, uma caixa de areia suja, ser permanentemente negado acesso à nossa varanda (gato cego e parapeito alto, é fácil perceber o motivo) e a palavra *não*.

No entanto, o Homero é gigante na minha imaginação, portanto, penso muitas vezes que a sua história só pode ser contada em formato de epopeia. É «O Gato que Sobreviveu», um órfão, vadio e esfomeado que sobreviveu a uma doença grave o suficiente para o privar dos olhos quando tinha duas semanas de vida e que ninguém queria acolher assim que se soube que ia sobreviver. É o Demolidor, o super-herói da Marvel que perdeu a visão num acidente enquanto

² Sociedade protetora dos animais nos EUA. (NT)

salvava um homem cego e que ganhou poderes sobre-humanos. Tal como o Demolidor, os sentidos de audição e olfato do Homero, a sua capacidade de mapear e contornar todos os obstáculos numa divisão desconhecida após a percorrer uma só vez são quase sobrenaturais. É um gato que consegue cheirar uma única lasca de atum a três divisões de distância e consegue saltar um metro e meio para apanhar uma mosca no ar. Cada pulo de uma cadeira ou mesa é um salto de fé, um potencial salto para o abismo. Cada bola perseguida por um corredor fora é um ato implícito de coragem. Cada cortinado ou bancada trepada, cada início de amizade com uma pessoa nova, cada passo dado sem ajuda em direção ao abismo do mundo que o rodeia é um verdadeiro milagre de coragem. Não tem nenhum cão-guia, nem vara, nem existe nenhuma língua que possamos utilizar para o assegurar ou o fazer compreender o formato e a natureza dos obstáculos que encontra. Os meus outros gatos podem ver pelas janelas da nossa casa e, portanto, sabem os limites do mundo em que vivem. Só que o mundo do Homero não tem limites e é desconhecido. Qualquer divisão em que se encontre contém tudo o que é possível conter e, como tal, é infinita. Só tem uma relação vaga com o tempo e o espaço e, como tal, transcende os dois conceitos.

Inicialmente, o Homero veio para minha casa porque mais ninguém o queria. Por isso, nunca deixa de ser surpreendente o fascínio que as pessoas têm por ele (mesmo aquelas que não têm grande interesse em gatos) quando o conhecem ou mesmo quando apenas ouvem falar dele. É o derradeiro ponto de partida para conversas, algo que não esperava quando o adotei. Noventa milhões de gatos significa que existem também 90 milhões de histórias, mas, sob o risco de soar insuportavelmente tendenciosa, tenho ainda de conhecer um gato tão extraordinário quanto o meu. Pelo menos uma vez por semana, e todas as semanas durante os últimos 12 anos, o meu gato fez algo que me divertiu, irritou ou simplesmente surpreendeu. Nada é mais surpreendente do que quando o vejo pela primeira vez através de olhos alheios.

Oh, coitadinho! é muitas vezes a primeira coisa que me dizem quando refiro que os olhos do Homero tiveram de ser removidos quando tinha duas semanas. Costumo dizer que se me conseguirem mostrar um gato mais feliz e indisciplinado, dou-lhes 100 dólares. *Como é que se movimenta?* perguntam-me. *Com as patas*, respondo eu, tal como

qualquer outro gato saudável. Por vezes, quando está especialmente entusiasmado a brincar, ouço o pequeno baque da sua cabecinha ao bater numa parede ou perna da mesa que se esqueceu que ali estava. É algo que me faz sempre rir, mesmo enquanto me parte o coração. É engraçado porque qualquer pessoa que tenha visto um gato a brincar desalmadamente e a cair de um sofá ou ir contra uma porta de vidro fechada sabe o quão divertido é. O meu coração fica partido porque, num mundo melhor, o Homero teria sido encontrado uma semana antes, quando a sua infeção ocular poderia ter sido apenas «grave» e não «incurável».

Claro, nesse mundo, o Homero certamente não teria feito parte da minha vida.

O meu momento preferido na celebração da Páscoa judaica (em que se comemora o momento que Deus retirou Moisés e os israelitas da escravatura no Egito e os levou até à Terra Prometida) é sempre a *Dayenu*, uma música animada cantada em voz alta e acompanhada por bater de palmas e de pés. *Dayenu* significa *teria sido suficiente* em hebraico e conta os milagres que Deus fez em nome dos israelitas e, após cada um dos milagres, insiste que um único teria sido suficiente: Se Ele nos levou do Egito e não os julgou, *dayenu!* Se Ele os tivesse julgado e não tivesse aberto uma passagem no mar, *dayenu!* Se Ele tivesse aberto uma passagem no mar e não tivesse atendido às nossas necessidades durante quarenta anos, *dayenu!*

E por aí fora.

Após viver 12 anos com o Homero, compus a minha própria *Dayenu*. Se o Homero tivesse apenas vivido mais de duas semanas, teria sido suficiente. Se tivesse apenas aprendido a encontrar a sua taça da comida e caixa de areia sozinho, teria sido suficiente. Se tivesse apenas aprendido a ir de divisão em divisão na nossa casa sem qualquer ajuda, teria sido suficiente. Se tivesse apenas aprendido a correr, saltar, brincar e todas as coisas que me disseram que podia nunca vir a fazer, sem medos, teria sido suficiente. Se me tivesse apenas feito rir todos os dias durante mais de uma década, teria sido suficiente.

E se tivesse sido apenas um dos motivos de energia e inspiração mais leais, afetuosos e corajosos que alguma vez conheci... bem, teria sido mais do que suficiente.

Numa situação que parece impossível, quando ninguém no seu perfeito juízo poderia esperar *nada* de bom, mas acaba a receber *tudo* de bom... são estas as coisas que chamamos de milagres e maravilhas. Alguns de nós somos sortudos o suficiente para vermos estas maravilhas todos os dias.

Este livro é para outras pessoas como eu, mas também para aqueles que deixaram de acreditar em milagres diários e em heróis. É para as pessoas que adoram gatos e para as pessoas que se consideram anti-gato. É para aqueles que acham que *normal* e *ideal* querem dizer o mesmo e é para quem sabe que, às vezes, afastar-se ligeiramente do que é normal pode acrescentar imenso à vida.

A todos vós, apresento Homero, *o Gato Maravilha*.

Dayenu!